

# ARTICULAÇÕES DO INSTITUTO TOMIE OHTAKE EM TEMPO DE PANDEMIA: VISITA VIRTUAL À EXPOSIÇÃO LUMINA, GUIADA PELA ARTISTA MARIANA PALMA: TESSITURAS COM A EDUCAÇÃO REMOTA NA AULA DE ARTE

*Articulations of the Tomie Ohtake Institute during the pandemic time:  
Lumina Exhibition Virtual visit, guided by artist Mariana Palma: links  
to Art class remote education*

Andrea Aparecida Della Valentina <sup>1</sup>  
Ivana Mattos <sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como escopo revisitar investigações realizadas por pesquisadores nas áreas da arte e da educação com ênfase no estudo das ações educativas em museus, galerias ou institutos de arte, em consonância com a escola, a exemplo de Suano (1987), Grinspum (2000), Barbosa (2009) e Rebouças (2013). Alicerçado na definição de museu e no papel educativo de visitas guiadas presenciais às exposições de arte, estuda a relação entre os espaços expositivos e a escola a partir da modificação e da adaptação para o ambiente virtual expositivo ocorrida com a chegada da pandemia do Covid-19 no Brasil que causou o fechamento dos espaços expositivos. Destaca as ações do Instituto Tomie Ohtake que disponibilizou a exposição Lumina em ambiente virtual e as orientações de acesso de estudantes em aulas de Arte como propulsoras de experiências e de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Instituto Tomie Ohtake; museu de arte e escola; ambiente virtual expositivo

**Abstract.** *This article aims to revisit investigations carried out by researchers in both art and education fields with an emphasis on the study of the alignment of educational actions in museums, galleries, or art institutes, to schools, such as Suano (1987), Grinspum (2000), Barbosa (2009) and Rebouças (2013). The study is based on what museums are*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação e Linguagem Visual – PPGE/UFES, desde 2017. Mestre em Artes pelo CAR/UFES (2009). Graduação em Educação Artística, licenciatura plena em Artes Plásticas (1999). Professora de Arte da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória-ES, desde 2002. Integrante do grupo de pesquisa GEPEL/Cnpq - PPGE - UFES. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7096301955460670> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7351-7911>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação (PPGE/UFES - 2017/2020), Mestre em Educação (PPGE) na linha de pesquisa Educação e Linguagens na UFES (2015). Especialista em Abordagens Contemporâneas em Arte-Educação (2001), Bacharel em Artes Plásticas (1997) e Licenciada Plena em Educação Artística - Artes Plásticas (2001) todos realizados pela Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1802574587899359> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5065-3323>

*for and their educational role of guided tours in person to art exhibitions to approach the relationship between the exhibition spaces and the school, based on virtual learning environment modification and adaptation caused by Covid pandemic. -19 in Brazil, forcing exhibition spaces closure. It highlights Tomie Ohtake Institute actions, which allowed Lumina exhibition virtually available, with guidelines for high school students in Art classes as propellers of a unique experience and learning.*

**Keywords:** *Tomie Ohtake Institute; art museum and school; virtual environment exhibition*

## **Introdução**

Este artigo discute, inicialmente, questões relativas às ações educativas presenciais em espaços musealizados de arte, com ênfase em trabalhos que relacionam esses espaços com a escola e que revelam contribuições para pesquisadores, no âmbito acadêmico, e para as instituições museológicas, no âmbito educativo.

No setor educativo dos museus, galerias ou em institutos de arte, a partir das exposições realizadas, emergem ações por meio da mediação entre as obras exposta e o visitante, facilitando o encontro entre a arte e o fruidor. Martins (2012) destaca que o termo mediação significa o ato ou efeito de mediar, sendo uma intervenção que gera encontros e reflexões, ampliam repertórios e, por vezes, trazem (des)encontros e distanciamentos.

Nessa perspectiva, compreendemos que, ao adentrar espaços expositivos, os visitantes (alunos, observadores informados sobre arte ou não) vivem uma experiência estética, pois experimentam uma relação de diálogo com a obra de arte, atribuindo-lhe sentidos e adquirindo, com prazer e curiosidade, novos conhecimentos.

Tendo em vista que, no início do ano de 2020, fomos surpreendidos pela pandemia do Covid-19, que assolou o Brasil e o mundo, os espaços expositivos de arte fecharam e passaram a criar meios de comunicação para disponibilizarem ao público seus acervos e exposições temporárias. Algumas instituições museais já podiam, anteriormente, ser acessadas, por meio do aplicativo *Google Arts & Culture*, pelos *sites* e redes sociais e, com o novo cenário, essa prática foi intensificada com programação especial,

de modo a atrair o público que precisava manter o distanciamento social. Não diferente a isso, os espaços escolares também não puderam mais atender aos estudantes presencialmente e as atividades escolares tiveram que ser reinventadas, passando a ser ofertadas totalmente de forma virtual.

Nesse contexto, o Instituto Tomie Ohtake, após 25 dias da abertura da exposição Lumina, da artista Mariana Palma, por medida de segurança, obedecendo ao protocolo sanitário vigente, fechou as portas para o público no dia 16 de março de 2020. O fechamento da porta física do Instituto possibilitou, no entanto, outra forma de acesso à exposição, ou seja, manteve-a acessível por meio digital, na própria página de internet do Instituto.

A ação do Instituto, frente à exposição de Palma, no contexto pandêmico, vai ao encontro da pontuação de Studart (2020), ao destacar que existe uma enorme demanda por ações digitais e que várias instituições estão apostando nas mídias sociais (Instagram, Facebook, YouTube), preparando novos conteúdos para os seus *sites* institucionais, para a realização de exposições virtuais e visitas remotas aos espaços expositivos e investido em pesquisas, tanto para o planejamento de exposições futuras, com estudos de percepção sobre a pandemia, como para a organização de novas atividades remotas para diferentes públicos.

Cientes dessas ações, muitas escolas e professores passaram a investir em planejamentos e atividades voltadas para o acesso ao conteúdo de exposições virtuais, explorando o contexto expositivo, a leitura das obras e a relação do artista com suas produções. No Instituto Tomie Ohtake, o fato de a visita guiada virtual ser conduzida e mediada pela própria artista expositora, Mariana Palma, enriqueceu as atividades de aulas remotas de estudantes que, orientados por seus professores, passaram a interagir com a exposição.

Nessa perspectiva, este artigo objetivou, inicialmente, descrever o sentido dos espaços expositivos de arte, como museus, galerias ou institutos de

arte. Em seguida, apresentar a exposição Lumina e, por fim, expor como foi realizada a mediação da visita virtual feita para alunos do ensino médio de duas escolas da rede privada de ensino de Vitória-ES.

### **Espaços museais expositivos: por dentro de galerias, de museus ou de institutos de Arte**

*Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiências acumuladas, mas como instrumentos geradores de novas experiências.*

*Carlos Drummond de Andrade*

Museu é uma palavra que deriva do grego *mouseion*, lugar ou templo das Musas, as divindades na mitologia grega que inspiravam as artes liberais; filhas de Zeus, criador supremo, deus dos deuses e Mnemosine, deusa da memória. Esse templo consistia em uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltada, sobretudo, ao saber filosófico. Do culto dessas deusas, no templo das musas, surgiu o termo museu (vocábulo grego *mouseione*, no latim *museum*), que também significa gabinete de literatos, homens de letras e de ciências.

Marlene Suano (1987) salienta que

*O mouseion era então o local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras de arte expostas no mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem (SUANO, 1987, p. 10).*

Frutos da imaginação humana e resultado das relações sociais, essas instituições estão em constante processo de transformação e acompanham, em graus diferenciados, as alterações na forma como a sociedade opera com as dimensões da cultura, da memória e do patrimônio, ao longo do tempo. O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) apresenta os museus de forma poética, em sua página de internet, e os

destaca como “[...] casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos”.<sup>3</sup>

Atualmente, o Icom (*The International Council of Museum*), que é uma organização não governamental internacional que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), e o Departamento de Museus e Centros Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vinculado ao Ibram, estão em parceria desde 2009, promovendo debates para as definições de “museu”, que se estenderam até 2019, ainda sem uma definição para a atualização do termo. Por isso, de acordo com o Icom (2012), o museu é “[...] uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e seu meio ambiente”.<sup>4</sup>

Às responsabilidades de preservação e de salvaguarda de um espaço museal somam-se, hoje, o compromisso com a comunicação e com a divulgação. Além da coleta, da preservação e da pesquisa de bens, de artefatos e de objetos realizados por esses espaços, também são consideradas suas atividades, a comunicação e/ou a divulgação de seus acervos e/ou de suas coleções. As instituições musealizadas tornaram-se locais favorecedores de acesso à informação e à educação de pessoas de distintas classes sociais.

Nesse sentido, museus, galerias ou institutos de artes são considerados como lugares de promoção da cultura, da preservação e da conservação de obras ou artefatos de arte, salvaguardando-os. Além de serem espaços de promoção humana e cultural, são recintos facilitadores do diálogo

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2010/01/instituto-brasileiro-de-museus-apoia-trabalho-das-instituicoes/aceso>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

entre diversificados códigos culturais e podem ser definidos como lugar de memória, de identidade e de educação.

### **A importância do papel educativo nos museus, galerias e institutos de Arte**

Os espaços musealizados de Arte, por serem constituídos pelo patrimônio cultural que reflete uma cultura sempre viva na atualidade, advinda da memória do objeto artístico ou daquele que o observa, são, por essência, portadores de significados que traduzem a importância artística e histórica de um povo. São espaços que apresentam manifestações e produções artístico-culturais materializadas nas diversas linguagens, desde as visuais às sonoras, às gestuais, às tridimensionais ou cênicas, apresentadas separadamente ou sincretizadas, individuais ou em grupo. Desse modo, o acesso a tais espaços passou a ser visto, principalmente no ambiente escolar, como uma forma de oferecer uma experiência singular, que potencializa a percepção estética e reflexiva dos sujeitos.

Leite (2005) destaca que, especificamente desde 1951, o Icom e a Unesco têm empreendido grandes esforços para a valorização desse papel educativo dos museus, das galerias e dos institutos de arte, partindo do pressuposto de que o direito à educação permanente é universal, inclusive no que diz respeito às dimensões culturais e artística e à dimensão crítica do conhecimento.

A autora ainda ressalta que, por sua especificidade, por ter uma associação direta à elite e pela aura de que se revestem as obras de arte, os museus de Arte, dentre os outros, foram os mais resistentes a se prepararem para receber o público leigo. Uma das formas de fazê-lo abrir para todos os públicos foi instigar a população a conhecer melhor a pessoa do artista. As exposições passaram a ser complementadas com atividades paralelas, pelos chamados setores educativos, que possuíam variadas dinâmicas, tais

como: oficinas de criação, vídeos informativos, dramatizações, experimentação direta, atividades lúdicas, dentre outras ações (LEITE, 2005).

Outros autores expressaram suas impressões sobre a relevância desses espaços expositivos de Arte. Sob o ponto de vista de Robert Ott (1997), em sua reflexão intitulada “Ensinando crítica nos museus”, no momento em que se expõem obras de arte no original a estudantes, elas desafiam o poder de observação e oferecem conhecimentos que habilitam sujeitos a esforços criativos posteriores. Nas palavras do autor, “O mundo orientado visualmente torna-se um elemento ativo na sala de aula por meio da percepção, da análise, da imaginação e da expressão, da produção ou do fazer arte na classe” (OTT apud BARBOSA, 1997, p.121). O autor ainda ressalta que o ensino de arte em museus se constitui como um componente fundamental para a arte-educação, por possibilitar a descoberta de que a arte é conhecimento. A prática educativa em museus, galerias e institutos de arte, tem significativa e relevante contribuição para a cultura e para a sociedade que o acessa (OTT apud BARBOSA, 1997).

Concordamos que o projeto educativo de uma instituição museal relaciona-se às ações, à prática educativa proporcionada pelos museus, galerias e institutos de arte, tanto a partir de exposições permanentes quanto na realização de exposições temporárias. Tais espaços tornam-se espaços educativos não escolares, ao contrário das escolas, que são institucionalizadas como espaços de ensino e de aprendizagem do ensino formal.

Conforme destacam Rizzi e Anjos (2013), trabalhar com obras e com objetos expostos é trabalhar diretamente com fontes primárias de pesquisa e conhecimento. Não é ler somente sobre algo, mas é estar face a face com o original, o que transforma a experiência. Portanto, para que esse processo de educação não formal seja efetivo, é preciso considerar que não basta inaugurar a exposição em questão e abrir as portas dos espaços expositivos, torna-se necessário gerenciá-los com constância,

promover ações educativas permanentes para os diversos públicos, com visitas guiadas qualificadas para enriquecer a experiência do visitante/expectador com o lugar e com as obras.

A título de exemplo, salientamos que, historicamente, no modernismo, segundo Barbosa (2011), a educação em museus trabalhou com ateliês no âmbito da livre-expressão. O primeiro museu no Brasil a ter um ateliê com crianças foi o Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1948, criado por Susana Rodrigues. O MASP foi seguido pelo Museu de arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), que movimentou a cidade com os “Domingos da Criação” e com o ateliê para adolescentes, coordenado por Ivan Serpa. A Pinacoteca de São Paulo e o Centro Cultural São Paulo tiveram, posteriormente, ateliês livres muito bem orientados. No Brasil, na década de 1950, foram organizados os primeiros serviços educativos por Ecylla Castanheira e Sigríd Porto, no Rio de Janeiro.

Rizzi e Anjos (2013) destacam que, na década de 1980, mais setores educativos foram implementados no setor artístico e consolidaram os museus brasileiros como um importante espaço de arte-educação, pois sua imagem se vinculava à ideia de museus como instituições de acesso a todos. Nesse contexto, vários espaços museais criaram seus setores voltados para a ação educativa, como o Museu Lasar Segall e o Museu de Arte Contemporânea da USP. As autoras ainda reiteram que, embora a educação acompanhe os museus desde o século XIX, somente a partir de 1970 percebe-se a importância da formação de equipes educativas em diferentes museus.

A transformação ocorrida no âmbito dos espaços musealizados impulsionou e subsidiou as mudanças relacionadas ao ensino da arte, ocorridas nas escolas, no período correspondente. No período de estruturação e de desenvolvimento de ações educativas em museus, o conceito de educação permanente também passou a ter importância, pois ele possibilitou operar com o público além dos anos escolares. A discussão e a ampliação conceitual expressas por Grinspum (1991) revelam o processo de

construção de uma área de conhecimento e de atuação, bem como a construção de uma identidade.

Ao considerar a importância do papel educativo nos museus, galerias e institutos de arte e que, no contexto pandêmico, esses espaços, bem como as escolas, passaram a viver momentos de adaptações, apresentaremos como o Instituto Tomie Ohtake, a fim de manter e ampliar o relacionamento com seu público, dispôs gratuitamente, para qualquer navegador na internet, o acesso virtual à exposição. Em seguida, mostraremos duas práticas mediadas em aulas de Arte para o ensino médio de escolas particulares de Vitória-ES que buscaram dar continuidade ao aprendizado, mantendo o isolamento social, e que vislumbraram a visita virtual como propulsora de uma experiência e de uma aprendizagem singular.

### **O Instituto Tomie Ohtake e o acesso virtual à exposição Lumina em tempos de pandemia**

O Instituto Tomie Ohtake<sup>5</sup> criou o projeto #juntosdistantes e ofertou uma programação especial *on-line*, de modo a partilhar diversos conteúdos referentes ao Instituto e ao momento de pandemia da Covid-19. A cada semana, um tema relacionado à ideia de estar #juntosdistantes foi lançado nas redes virtuais da Instituição, dentre elas: ensaios, depoimentos, publicações, palestras e vídeos. A figura a seguir exemplifica como uma publicação foi feita no *site* do Instituto.

---

<sup>5</sup> O Instituto Tomie Ohtake, aberto no ano 2001, localiza-se em São Paulo e realiza exposições nacionais e internacionais de artes plásticas, arquitetura e design. Sobre o Instituto Tomie Ohtake, acesse: [https://www.institutotomieohtake.org.br/o\\_instituto/sobre](https://www.institutotomieohtake.org.br/o_instituto/sobre).



Figura 1. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes>. Acesso em: 3 jul. 2020. Captura de tela da página do Instituto Tomie Ohtake, com menu cinza sobre fundo branco acima, fotografia da fachada do prédio do Instituto em tons de azul e rosa, sobre a qual lê-se “Temporariamente fechado. Continuamos ativos em nossas redes. Confira nossa programação online. Medidas de prevenção ante o coronavírus”.

Studart (2020) destaca que

Com a imposição do isolamento/distanciamento social, a comunicação virtual – que já existia e já era bastante utilizada por uma grande parte da população – tomou um novo significado e um lugar central na vida de todos. As mídias sociais, as plataformas de conversa por vídeo, as notícias online, as palestras e cursos pela internet, a interação com “lives” diversas passaram a ser os principais meios de comunicação e de conexão humanas.

No início do mês de fevereiro de 2020, com curadoria de Priscyla Gomes, o Instituto realizou a mostra retrospectiva de Mariana Palma com a exposição intitulada Lumina, a qual reuniu 50 trabalhos, entre desenhos, pinturas, fotografias e vídeos, que representam o percurso de quase vinte anos da carreira dessa artista paulistana. De acordo com a curadora, “[...] o conjunto de obras demonstra a recorrência com que a artista se refere à ideia de integração de partes e de superfícies que se tocam e atritam dando

forma a um novo corpo [...]” (GOMES, 2020), fazendo uso intenso de cores, a artista promove a ilusão de sensações táteis, atraindo o olhar do espectador.

Na exposição, como uma série de *atos*, tal qual uma ópera adaptada, o *visitante percorre* diversos momentos do trabalho de Palma. Explorando elementos provenientes da botânica, de estampas, organismos marítimos e fragmentos arquitetônicos, Palma aborda a interpenetração de corpos, destaca alternâncias entre instantes de tensão e expansão, e compõe infindáveis universos frutos da exploração de luz e sombra (GOMES, 2020, grifo nosso).<sup>6</sup>

O visitante, ao adentrar no espaço expositivo, inicia seu encontro com as obras a partir de “atos”. Primeiramente, encontra-se com uma série de aquarelas, depois, se depara com pinturas. Em seguida, alcança as fotografias. No conjunto, são obras que se intercalam com pinturas de formatos maiores. O visitante, ao percorrer a exposição, se depara “com os diversos momentos do trabalho de Palma,” conforme nos relata a curadora.

No Catálogo da exposição, os “atos” são descritos pela artista como ações que perpassaram seu processo criativo para a exposição. O primeiro ato é o enamoramento e a domesticidade, o segundo ato é a primeira morte e o caminho à terra de Hades e o terceiro ato é a fusão e a perda. Lumina, que dá nome à mostra, refere-se ao mito de Orfeu, explicitado nesses atos, e sintetiza o instante em que ele fica cara a cara com Eurídice e a luz dos seus olhos emite um raio em sua direção. Orfeu foi buscar a amada no mundo dos mortos e conseguiu libertá-la com a promessa de não olhar para trás, mas sucumbiu (CATÁLOGO LUMINA, 2020).

Vale explicar que as divisões, ou seja, as passagens pelas sessões de Lumina foram chamadas de “atos” por fazerem alusão a um espetáculo teatral e que, nesse caso, remetem ao mito grego de Orfeu e Eurídice.

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/mariana-palma-lumina> > Acesso em: 20 set. 2020.

Ressaltamos que a origem da palavra ato, vem do latim *actus*: algo feito, parte de uma obra, impulso; e de *agere*: levar a, guiar, colocar em movimento. Ato pode, ainda, significar ação, atividade, atuação, movimento e prática.

Esse percurso foi pensado e programado para ser feito ao vivo, o que aconteceu na abertura da exposição, em 19 de fevereiro de 2020, e perdurou até o dia 16 de março do mesmo ano, porquanto ela pôde ser apreciada presencialmente, assim como foi idealizada. Entretanto, a partir de 17 de março de 2020, o visitante presencial passou a ser identificado como “usuário”, pois somente foi possível visitar Lumina por meio do acesso ao ambiente virtual. O *website* do Instituto manteve a visitação e a exploração dos elementos expressos nas obras em exposição em relação ao que era proveniente da botânica, de estampas, de organismos marítimos e de fragmentos arquitetônicos.

Identificada a imobilidade, a falta de ação causada pela pandemia no país, inesperadamente, nos deparamos com os “atos” da Exposição Lumina, que objetivava estimular o movimento, a ação e o colocar-se em atuação, não importando o local em que o usuário estivesse. Nessa contradição, a solução encontrada pelo Tomie Ohtake foi de mudar de ambiência e fazer com que os “atos” acontecessem na prática, mesmo a distância.

O modo como ficou essa materialização e a distribuição das obras no ambiente virtual foi explorado pelos estudantes e demais usuários ao navegarem pelo *website* e assistirem ao vídeo disponível no link <<https://youtu.be/pBslx6-7-FE>>, com duração de 18:25min, pois exhibe a visita guiada e a mediação da artista, que explica como se deu o contexto de produção das obras, a escolha do tema, o uso das formas e das cores, sempre dialogando sobre todo o contexto expositivo.



Figura 2. Disponível em:

<<https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/mariana-palma-lumina>>. Captura de tela do vídeo “Visita guiada por Mariana Palma na exposição Lumina”, no qual a artista aparece de corpo inteiro, ao lado esquerdo da imagem, dentro de uma das salas da exposição, de frente para uma das imagens da mostra, pendurada em parede branca.

É possível saber mais sobre a artista e a exposição na mesma página virtual do Instituto, acessando o Catálogo o qual recebe o nome da exposição e que contém as obras e uma entrevista realizada com Mariana Palma.

### **Sentidos e significações da visita mediada na escola em aulas remotas: transformando a crise em oportunidade**

Por meio de aulas *online* da disciplina de arte, estudantes de seis turmas do ensino médio de duas escolas da rede privada de ensino de Vitória-ES foram conduzidos à visita guiada pela artista Mariana Palma. Após a mediação da artista, foram propostas pesquisas e discussões sobre a poética da produção, o processo criativo, o uso dos diferentes tipos de materiais, a distribuição das cores, a utilização das formas e a montagem da composição. De forma mais acurada, orientou-se o estudo da temática empreendida na exposição por meio da análise do plano de expressão e

do plano de conteúdo, objetivando ampliar a significação artística pelos educandos.

O fazer artístico que habitualmente aconteceria em uma sala ambientada, com a disponibilidade de recursos e materiais artísticos diversificados, precisou ser adaptado à realidade vivida por cada estudante, em sua residência. Passou-se a investir no reaproveitamento de objetos plásticos, de alumínio e de isopor, reaproveitamento de papéis e embalagens descartadas pelos próprios familiares, a fim de facilitar a execução dos exercícios propostos. Foi possível fazer uso da tecnologia, por meio de aplicativos e de recursos digitais acessíveis para elaborar criações artísticas a partir da observação e do estudo das obras de arte da artista Mariana Palma, de maneira que tais criações ficaram armazenadas em ambiente virtual de aprendizagem e puderam ser acessados por qualquer pessoa, independente da sua localização geográfica, como pode ser visto na Figura 03.

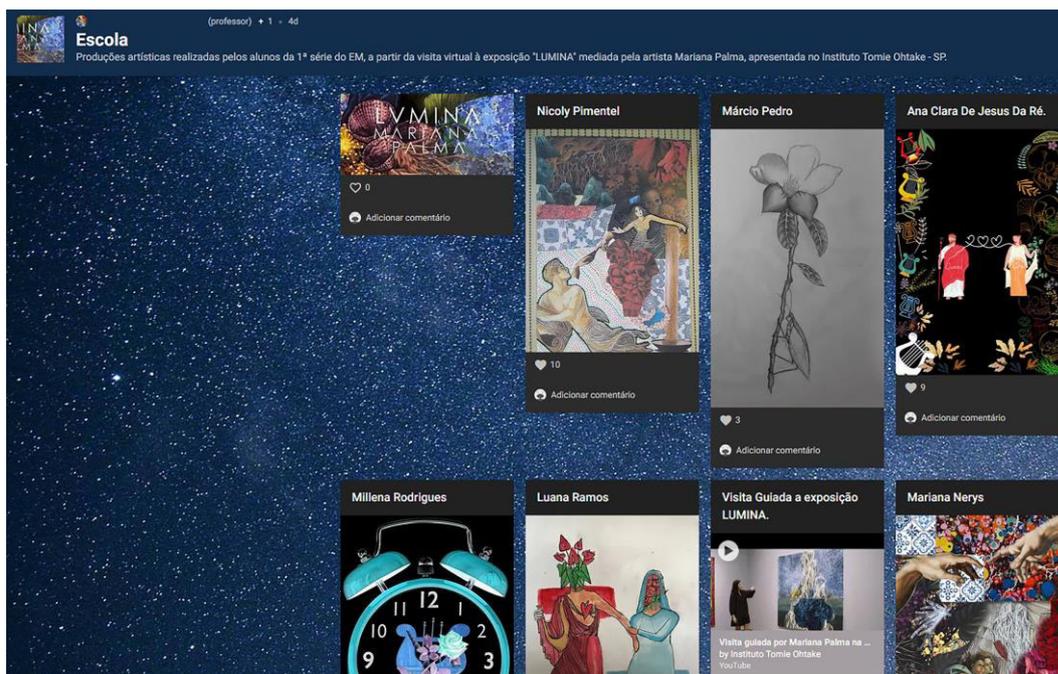


Figura 3. Disponível em: <<https://padlet.com/orpoam7ogfot5u22>>. Captura de tela da página de ambiente virtual de aprendizagem, que mostra um cabeçalho de fundo azul, sobre o qual lê-se "Escola. Produções artísticas realizadas pelos alunos da 1ª série do EM, a partir da visita virtual à exposição Lumina, mediada pela artista Mariana Palma,

apresentada no Instituto Tomie Ohtake, SP”. O restante da página tem fundo de céu noturno estrelado, com diversos trabalhos executados pelos alunos, organizados em janelas retangulares.

O uso da tecnologia nos propiciou a criação de uma página virtual na plataforma Padlet<sup>7</sup>, para que os próprios estudantes, acessando-a através do *link*, fizessem a inserção de suas produções artísticas, alimentando esse ambiente virtual. Para maior divulgação dos resultados dos trabalhos feitos pelos estudantes, todo material foi disponibilizado na rede social da sua respectiva instituição educativa, com acesso ilimitado de visitantes, como pode ser observado na Figura 04.



Figura 4. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Captura de tela de postagem de divulgação de perfil nomeado Colégio, com imagem da plataforma Padlet e o seguinte texto: “Nossos alunos da 2ª série do Ensino Médio capricharam nas produções artísticas inspiradas nas obras da artista plástica Mariana Palma. As artes foram criadas após visita virtual à exposição Lumina, apresentada no Instituto Tomei Ohtake”.

<sup>7</sup> O Padlet é uma ferramenta que permite criar quadros virtuais para organizar a rotina de trabalho, estudos ou de projetos pessoais. Na área da educação, os quadros do Padlet podem ser criados e utilizados para armazenar materiais e atribuir atividades aos alunos.

## Considerações Finais

Diante dos apontamentos deste estudo, podemos observar que as ações educativas desenvolvidas em museus, galerias e instituições de Arte, possibilitam proposições pedagógicas que aproximam estudantes, inseridos num contexto de isolamento social, do universo artístico.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas em meio a pandemia da Covid-19, concordamos com Sparks (2020) que as circunstâncias têm provocado uma rápida mudança de comportamento em muitos aspectos das instituições culturais, contribuindo para o fomento de ações que revelam empatia, engenhosidade, solidariedade e criatividade. Na esteira dessa dinâmica, as instituições escolares, por meio da mediação educativa virtual e remota, também buscam manter viva a rede de afetos, tão necessária às relações nesse tempo de isolamento social.

Portanto, é preciso destacar que "Museu e escola, como instituições de natureza distintas, têm muito a aprender uma da outra para que o equilíbrio do saber e de troca se explicita de modo que os professores possam ensinar aos educadores do museu e vice-versa" (IAVELBERG, 2013, p. 214).

## Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação para as Artes Visuais. Do MAC ao Balanço das Águas. In: Aranha, C. e Kanton, K. **Espaços da Mediação**. São Paulo: PGEHA/ Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2011, p.63-83.

\_\_\_\_\_. Mediação Cultural e Social. In: BARBOSA, A e COUTINHO, R. (Orgs.). **Arte educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.13-22.

GRINSPUM, Denise. **Discussão para uma proposta de poética educacional da divisão de ação educativo-cultural do Museu Lasar Segall**, 1991. Dissertação de

Mestrado - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

IABELBERG, Rosa. O museu como espaço de formação. In: ARANHA, Carmen; KANTON, Kátia (org.). **Espaços da mediação: a arte e seus públicos**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013, p.19-38.

ICOM - **Conselho Internacional de Museus**. Disponível em <https://www.icom.org.br/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

LEITE, M. I. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: **Museu, educação e cultura: encontro com crianças e professores com a arte**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2005, p. 19-54.

MARTINS, Mirian Celeste. **Expedições Instigantes**. In MARTINS, Mirian Celeste; LUGAR, EDITORA, ANO.

OTT, Robert Wilian. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leituras no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

PALMA, Mariana. **Catálogo da exposição Lumina**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake. 2020. Disponível em: <<https://www.flipsnack.com/institutotomieohtake/lumina-marianapalma.html>>. Acesso em 1 out. 2020.

REBOUÇAS, Moema Martins. Museu de Arte Contemporânea de Serralves: Projectos com Escolas. **Palíndromo** N° 10, 2013, CEART/UDESC. SP, 2013.

RIZZI, M. C. S. L & ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. **Museologia, curadoria e ação educativa**. Material da ação Educacional Claretiana - Centro Universitário Claretiano de Batatais. SP, 2013.

SPARKS, G. **Coronavirus and Connection to Each Other**. Informal Learning Review. A Publication of Informal Learning Experiences. ILR Special Issue 2020.

STUDART, Denise. **Pandemia global de Covid-19 e Impactos para os Museus: Crise ou Oportunidade?** Disponível em < <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-crise-ou-oportunidade.html>>. Acesso em 31 jul. 2020.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Texto recebido em: 15 mai. 2021.

Publicado em: 19 jul. 2021

Como citar este artigo: Della Valentina, A. A. ., & Mattos, I. de M. . Articulações do Instituto Tomie Ohtake em tempo de pandemia: Visita virtual à Exposição Lumina, guiada pela artista Mariana Palma: Tessituras com a educação remota na aula de Arte. *Revista Do Colóquio*, (20), 9-25. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/35524>